

Gaifar era das mais velhas do concelho

Famílias de Gaifar também ocuparam cargos na Câmara de Albergaria de Penela

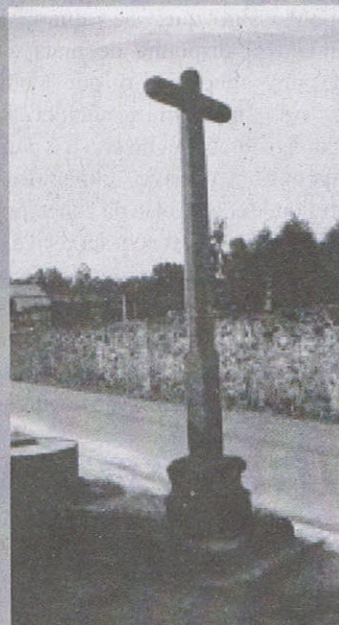
Santa Eulália de Gaifar era das freguesias com maior antiguidade no antigo concelho de Albergaria de Penela, extinto em 1837. Muito antes do primeiro foral de D. Afonso III, atribuído no século XIII a Portela de Penela, que instituiu o concelho com este nome, mas que também deve ter estado na origem do de Albergaria de Penela, Gaifar já fazia parte de um primitivo julgado, que administrava nos primórdios da nacionalidade as terras de Penela, nas quais aquela freguesia também já apareceu integrada, a partir de 1120.

Em 1758, entre as sete freguesias que integravam o concelho de Albergaria de Penela, Santa Eulália de Gaifar era a que apresentava menos população: tinha 176 habitantes, distribuídos por 66 fogos.

Apesar de pequena e em população (e também em área), nem por isso deixou de influir na vida municipal de Albergaria de Penela com a presença de habitantes seus na governança desse antigo concelho, pelo menos desde finais do século XVII, época a partir da qual há sinais de que membros de famílias, ligadas a grandes casas de Gaifar, também foram escolhidos para cargos da administração concelhia.

A família Bezerra, que era das mais conhecidas não só na região, mas também no país, entre os séculos XVII e XIX, pela acção desenvolvida por alguns dos seus membros na vida militar, científica e política desses tempos, já é mencionada em Gaifar em meados do século XVII, havendo indicações que alguns dos seus membros também tenham prestado serviço na Câmara de Albergaria de Penela. Um natural ilustre desta época chamava-se Manuel Bezerra do Campo, tendo-se notabilizado como capitão de infantaria.

Alguns descendentes radicaram-se no Brasil por inícios do século XVIII, juntando-se lá ao ramo da família, que descendia dos Bezerras que foram para o Brasil nos inícios do século XVII, mas que também eram originários de Ponte de Lima. Outra família também já enraizada em Gaifar durante o século XVII e que por lá terá mantido descendentes durante o século seguinte era a Barbosa Lobato, sendo também mais do que certo que tenha ficado ligada à governança do antigo concelho



A família que mais sobressai, por esses tempos, sobretudo nos períodos de maior vigor do concelho de Albergaria de Penela, é a dos Bezerras, que mais tarde haveria também de ficar ligada à dos Beza Ferraz. Por exemplo, um descendente do capitão de infantaria Manuel Bezerra, de Gaifar, haveria de se destacar, durante o século XVIII, como figura de proa do Iluminismo em Portugal.

Trata-se de Manuel Gomes de Lima Bezerra, médico-cirurgião e bacharel em Medicina pela Universidade de Coimbra, mas que teve o seu nome ligado, como sócio honorário, à célebre Sociedade Económica dos Bons Compatriotas Amigos do Bem

Público, criada em Ponte de Lima, em 1779, com o apoio do arcebispo de Braga, D. Gaspar de Bragança.

Na época, Manuel Gomes de Lima Bezerra foi um académico de nome, com ligações a academias portuguesas e espanholas, autor de uma vasta obra médico-científica, além de fundador da imprensa médica especializada e das primeiras academias médico-cirúrgicas em Portugal, tendo sido um dos renovadores dos métodos de ensino da medicina. Alargou, porém, o seu trabalho intelectual ao fomento regional, como era objectivo da Sociedade Económica dos Bons Compatriotas Amigos do Bem Público, da qual foi

um dos principais fundadores, juntamente com António de Araújo Azevedo, Conde da Barca e ministro de D. João VI, para divulgar o ensino de conhecimentos úteis, com destaque para a concretização de projectos que dinamizassem o desenvolvimento agrícola, a indústria popular e os circuitos comerciais. Esteve, portanto, na origem daquela que viria a ser precursora das actuais sociedades de desenvolvimento regional, mas que ficou para a história pelas suas orientações económicas ainda muito actuais: nunca importar bens de primeira necessidade, mas, sim, produzi-los...

Único “jugo” era o Cabido da Sé

Em 1758, a paróquia de Santa Eulália de Gaifar, apesar de pertencer a um concelho que estava livre dos arbítrios de um donatário senhorial ou eclesiástico, o de Albergaria de Penela, continuava, mesmo assim, sob o “jugo” rentista do Cabido da Sé

de Braga, que não era peço a cobrar-se: “(...) É quem lhe come a renda, que são oitenta mil reis cada ano”, menciona o pároco da época, Miguel José Alves Barbosa. Ao tempo a freguesia era “pequena”, dizia o sacerdote, nas suas respostas aos inquiridos de D. José I. A informação

parece indiciar, já então, um queixume. Gaifar só tinha, por esse tempo, “sete pequenos lugares, a saber, Carrasca, Assento, Souto do Monte, Naia, Costa, Baralde e Rego”, indica ainda o pároco da época. Os lavradores viviam, essencialmente, do... “milham, centeio, milho alvo e vinho”.

de Albergaria de Penela. O pároco de Santa Eulália de Gaifar em 1758, Miguel José Alves Barbosa, faz referências ao tempo a um membro ilustre dos Barbosa Lobato que lá nasceu e viveu, de nome Gabriel

Barbosa Lobato, referindo que fora sargento – mor de infantaria na Baía, Brasil, sem indicar,

porém, a época. Por uma antiga lista de personalidades que ocuparam cargos importantes no Brasil, ao serviço dos reis de

Portugal, entre os séculos XVII e XVIII, sabe-se que esse Gabriel Barbosa Lobato tinha sido destacado para a Baía, em 1697, como capitão de infantaria.

